Paulo-Roberto Andel

Garotas cariocas

Rio, cidade maravilhosa de beleza e poesia inebriando corações e mentes multi diversas. Oh, terra bela de contrastes e contradições, como se toda a cidade carioca atendesse pelo nome de Copacabana - e esta é uma leitura possível -, louvando as glórias e a decadência na mesma sala de jantar. Não há nenhum machismo em se sentenciar que um dos símbolos do Rio é a beleza das garotas cariocas, espalhada por todas as zonas da capital. Não importa o bairro, você sempre há de se deparar com garotas bonitas dos mais variados jeitos, estilos e balanços.

A garota da Tijuca, suingue sangue bom, passeando pela praça Saens Pena a caminho da academia de malhação, com seu impecável collant e rabo de cavalo. Talvez em volta do Tijuca Tênis Clube ou, como quase sempre acontece, perto do Shopping Tijuca - o carioca ama os shopping centers. Pode ser também na Praça Afonso Pena, ainda cheia de crianças brincando em tempos cada vez mais sisudos. Ou ainda mais à frente, com as gatas extraordinárias indo e vindo da UERJ, a universidade que tem a cara da nossa cidade.

A garota de Copacabana, desfilando suingue no bairro-cidade que representa o orgulho, a vanguarda e a decadência, tudo junto de mãos dadas. Garota Figueiredo Magalhães, Garota Santa Clara, também tem a Garota Souza Lima que é diferenciada e admirada por um ícone gay do bairro, funcionário público discreto que vive uma vida dupla como pai de família e caçador das noites trans. Tudo é permitido.

As garotas do Centro vão voltar um dia. São elas que habitam o imaginário popular na saída dos escritórios e lojas, no famoso horário do rush, ocupando ruas e o VLT com belezas multivariadas. Hoje o coração da cidade ainda está triste e deserto, então as garotas também se fazem quase ausentes, mas é certo que o Rio vai se reinventar.

Garotas do Flamengo, do Largo do Machado, do Catete e da Glória a caminho da Central. Mais garotas desfilando nos trilhos de aço que levam o Rio ao subúrbio. Quem duvida que algumas das garotas mais belas desta cidade saltam no Méier, Quintino, Cascadura, Madureira e ainda em Magalhães Bastos, Realengo - muito -, Bangu e Santa Cruz? Beleza para todo lado, de jeito e maneiras diferentes.

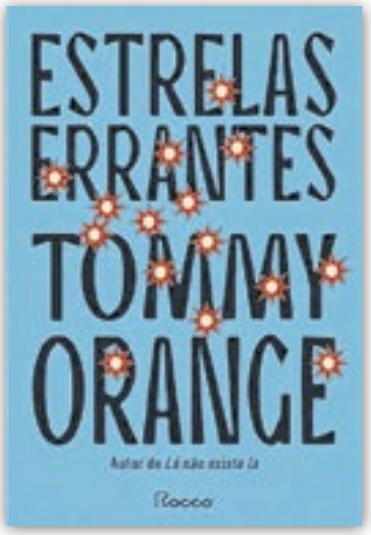
Na Cidade Alta tem garota linda sangue bom, em Parada de Lucas, Vigário Geral e Honório Gurgel. Também tem na Penha, em Olaria, em Marechal Hermes e vai até a Ilha do Governador. Tem no Lins, em Água Santa, no Rocha e em Todos os Santos. São muitos lugares e muita beleza feminina espalhada de maneira homogênea. Marinas, Tatianas, Julianas, Gabriellas, Flávias, Mônicas, são muitos nomes.

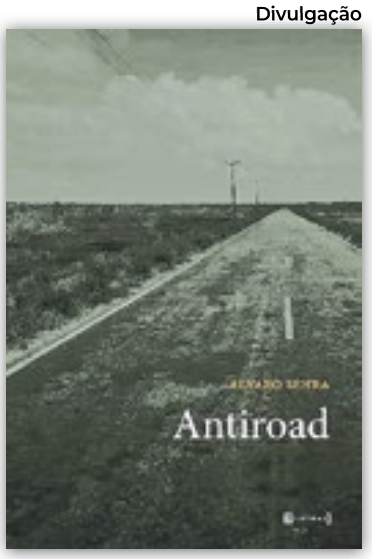
Os tempos não são fáceis, mas um dia as nossas garotas vão voltar a espalhar beleza pelo Rio de ponta a ponta. Numa lanchonete, numa loja de móveis, pelas ruas, nos veículos de massa, nos cinemas, nas feiras e na orla, a beleza da garota carioca será a nossa ressurreição. Precisamos disso. Teremos.

CRÍTICA / LIVROS

Os deslocados

Divulgação





Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Uma mulher morre pela segunda vez, surpreendendo amigos e parentes com a descoberta de sua vida dupla, abrigando uma fugitiva da violência doméstica. Uma família de indígenas da etnia Cheyenne tenta manter a integridade cultural depois de perderem terras e verem seu povo quase aniquilado pelos europeus que se apossam da região. Um homem atravessa parte do país às vésperas da posse de um presidente da República. O crescimento de forças paramilitares no Rio de Janeiro encurrala o povo perante a marginalidade. Em ficção ou em textos analíticos, alguns títulos propõem reflexões quanto ao deslocamento de quem luta para se integrar numa sociedade hostil às diversidades.

"Querida Tia" (Intrínseca, R$ 68,90), da francesa Valerie Perrin, segue uma fórmula bem-sucedida da autora que aborda temas pungentes, quase sempre decorrentes de estigmas sociais. Agnes é informada da morte da tia Colette, cujo falecimento acontecera havia três anos. Colette passou-se por morta, sem sair à rua, depois de enterrar, em seu lugar, a amiga, que morava escondida em sua casa temendo o pai, um ex-artista circense, violentíssimo. As explicações para a primeira "morte" da tia e sua

vida secreta estão em dezenas de fitas cassete que ela deixa para a sobrinha, ajudando Agnes, recém-divorciada, a se recuperar da separação e a reencontrar suas raízes, sepultando seu próprio não-pertencimento.

Em "Estrelas errantes" (Rocco, R$ 67,40), Tommy Orange volta à temática da inserção dos indígenas norte-americanos na contemporaneidade, abordando os programas de "reeducação" de crianças, levadas para escolas onde aprendiam valores europeus, incluindo a religiosidade cristã, e os massacres que reduziram as populações indígenas de 25 milhões de indivíduos para 2 milhões de pessoas. O genocídio indígena deixa marcas nos grupos da atualidade, que ainda sofrem preconceito racial e cultural, sem se integrar totalmente à sociedade branca, protestante e anglo-saxã. O romance foi finalista do Booker Prize 2024.

"Antiroad" (Sete Letras, R$ 54), de Álvaro Senra, é um livro 'pé na estrada' que observa os últimos dias de um país prestes a retroagir social-cultural e economicamente. O narrador se dirige a Curitiba para acompanhar a passagem do ano em frente à cela onde está encarcerado um ex-presidente da República, "Vamos sobreviver (...), quando tudo isso acabar estaremos vivos", ele repete a cada momento de desânimo diante da baixa expectativa de que o eleito faça um bom governo. O romance termina no segundo dia de 2019, com o narrador refletindo sobre um Brasil sem doenças mortais "em comparação com outros trópicos" e a "desigualdade, essa sim mortal".

Em "Como nasce um miliciano – A rede criminosa que cresceu dentro do Estado e domina o Brasil" (Bazar do Tempo, R$ 61), a jornalista Cecília Oliveira aborda a trajetória do ex-policial Carlos Eduardo Gomes, o Cabo Bené, que dominou politicamente a cidade fluminense de Itaguaí para ilustrar o crescimento grupo paramilitar na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O fortalecimento dos milicianos, segundo a autora, se expande vertiginosamente entranhado no poder, participando de um Estado negligente em termos de segurança, obrigando a população a obedecer e sustentar uma estrutura que promete garantir o que o governo deixou de lado.